

política

Editora: Paula Coutinho
politica@jornaldocomercio.com.br

Lula reclama de preços dos alimentos a ministros

Presidente cobrou auxiliares por valores compatíveis ao salário do povo

/ GOVERNO FEDERAL

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) voltou a reclamar ontem do preço dos alimentos. De acordo com ele, o governo tem que garantir que os alimentos cheguem à mesa da população em “condições compatíveis” aos salários dos trabalhadores.

“Se a gente trabalhou reconstrução e união, agora a gente tem que trabalhar outra coisa importante: reconstrução, união e comida barata na mesa do trabalhador”, afirmou Lula, em discurso de abertura na primeira reunião ministerial deste ano, em referência ao slogan de seu terceiro mandato, União e Reconstrução.

O presidente completou: “Os alimentos estão caros na mesa do trabalhador. Todo ministro sabe que o alimento está caro e é uma tarefa nossa garantir que o alimento chegue à mesa do povo trabalhador, da dona de casa, à mesa do povo brasileiro em condições



Presidente convocou ontem a primeira reunião ministerial de 2025

compatíveis com o salário que ele ganha.”

Ainda de acordo com o presidente, o ano de 2025 será de colheita de muitas das políticas públicas iniciadas após o que chamou de período de reconstituição de diversas pastas que, segundo ele, foram desmontadas durante o governo anterior, de Jair Bolsonaro (PL). Lula cobrou de seus ministros

um esforço cada vez maior para avançar nas políticas que vêm sendo implementadas.

A reunião ministerial convocada por Lula é a primeira após uma crise no governo envolvendo o Pix, que levou o Executivo a desistir de implementar uma medida de monitoramento desse sistema financeiro e publicar uma MP que reforça o seu sigilo e a sua gratuidade.

Campanha eleitoral de 2026 já começou, diz petista

O presidente Lula (PT) disse ontem, em reunião ministerial, que a campanha eleitoral da próxima disputa presidencial já começou para a oposição. “2026 já começou. Se não por nós, porque temos que trabalhar, capinar, temos que tirar todos os carrapichos, mas pelos adversários, a eleição do ano que vem já começou. Só ver o que vocês assistem na internet para ver que já estão em campanha. A antecipação de campanha para nós é trabalhar, trabalhar, trabalhar e entregar o que o povo precisa”, disse.

“Precisamos dizer em alto e bom som: queremos eleger governo para continuar processo democrático do País, não queremos entregar esse País de volta ao neofascismo, neonazismo, autoritarismo. Queremos entregar com muita educação”, afirmou ainda, sob aplausos dos presentes.

A declaração foi dada durante abertura da reunião ministerial, na Granja do Torto. Este é o primeiro encontro do ano com o primeiro escalão. Além de ministros, também participaram líderes do governo no Congresso.

A expectativa da reunião é

para reforçar a cobrança e a pressão por entregas dos ministérios nesta segunda metade do governo. O encontro também ocorre sob a perspectiva de uma reforma ministerial.

O presidente quis passar a mensagem neste encontro de que o governo chegou na sua reta final, será preciso acelerar as medidas e, sobretudo, dar visibilidade de forma alinhada com a Secretaria de Comunicação da Presidência (Secom), cujo o titular, Sidônio Palmeira, assumiu o cargo na semana passada. A mais recente crise do Pix reforçou no Planalto a ideia de que é preciso um discurso mais unificado na Esplanada.

O governo recuou da norma da Receita Federal que ampliaria a fiscalização sobre transações de pessoas físicas por Pix que somassem ao menos R\$ 5 mil por mês, após ataques da oposição e uma onda de desinformações sobre a medida.

Sidônio assumiu a Secom em meio a esta turbulência. Um dos principais desafios do novo ministro, segundo integrantes do governo, será justamente de ali-

nhar o discurso da Esplanada. Há no Palácio do Planalto um entendimento de que muitos ministros, ao proporem uma medida ou tomarem uma decisão, nem sempre estão alinhados com o núcleo de governo, ou seja, com o que o presidente quer.

Em outro momento de sua fala, Lula citou os partidos que integram seu governo e afirmou que é preciso entender se essas legendas apoiarão a continuação da gestão no processo eleitoral de 2026.

Hoje, integram a base do governo do petista partidos que ensaiam lançar uma candidatura própria à Presidência, como União Brasil e PSD - cada um com três ministérios na Esplanada. Além disso, uma ala do MDB pleiteia a vice da chapa de Lula.

“Temos vários partidos políticos, eu quero que esses partidos continuem junto, mas estamos chegando no processo eleitoral e a gente não sabe se os partidos que vocês representam querem continuar trabalhando conosco ou não. E essa é uma tarefa também de vocês no ano de 2025”, afirmou o petista.



Repórter Brasília Edgar Lisboa

edgarlisboa@jornaldocomercio.com.br

Trump chega com mais força

O presidente empossado dos Estados Unidos, Donald Trump, foi conduzido ao cargo ontem, reafirmando o protecionismo e ameaças de taxação de importações, promessas de toda sua campanha presidencial. A ex-senadora Ana Amélia Lemos (foto, PSD), avalia o retorno de Trump à Casa Branca e comenta: “amigos, amigos, negócios à parte”.



LUIZA PRADO/JC

No Radar de Trump

Especialistas estimam que o principal desafio do governo Lula será posicionar o País em relação às ameaças de Trump que afetam o Brasil, ainda que a China deva ser o principal alvo do segundo mandato do republicano. Os demais países do Brics, que inclui Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, deverão estar no radar do novo governo americano. Com a China, Trump trava uma guerra comercial de muito tempo na disputa para definir quem vai ser a grande potência global.

Protecionismo mais duro

Trump deu o recado sem rodeios: vai adotar um protecionismo ainda mais duro. Na política comercial podem ser impostas tarifas universais sobre importações, além de reciprocidade em relação a tarifas colocadas por outros países sobre produtos norte-americanos.

Imigração ilegal

O combate à imigração ilegal esteve no centro da campanha do republicano, que promete realizar a maior deportação da história do país já a partir de hoje. Vivem nos EUA atualmente mais de 200 mil brasileiros. Pesquisadores estimam, no entanto, que Trump vai ter dificuldades em cumprir essa promessa, considerando a importância da mão de obra estrangeira para os Estados Unidos.

Sem afinidade com o PT de Lula

A ex-senadora gaúcha, Ana Amélia Lemos, disse à coluna **Repórter Brasília** “que estava em Washington na primeira viagem do Lula 1, quando ele se encontrou com George W. Bush, do Partido Republicano, que não tem nenhuma afinidade com o PT de Lula. O PT tem uma relação ideológica maior com os democratas”. Naquele momento, lembrou Ana Amélia, “Lula chamava Bush de companheiro, porque havia contencioso comercial, especialmente na área do agro, que era laranja e suco de laranja”.

Exportação de laranja

Ana Amélia afirmou: “nesse ano, a Flórida, que é o maior produtor de laranja dos Estados Unidos, tinha um contencioso comercial com o Brasil exatamente por conta do suco de laranja”.

Fim da produção de laranja

A questão do contencioso continua. A despeito disso, os Estados Unidos, agora, acabam de anunciar o fim da produção de laranja, porque não têm capacidade de competir com a produção brasileira. O Brasil, sendo um dos maiores produtores e exportadores de suco de laranja do mundo, “vem ampliando, ao longo do tempo, a nossa presença comercial na área do agro, com uma evolução”.

Parceiros comerciais

Na opinião de Ana Amélia, “a relação política ou diplomática entre o Brasil e os Estados Unidos continua dentro da institucionalidade de dois países que são grandes parceiros comerciais. Os Estados Unidos não têm capacidade de competir com a produção brasileira”.